

Watching people



"Escreve, se puderes, coisas que sejam tão improváveis como um sonho, tão absurdas como a lua-de-mel de um gafanhoto e tão verdadeiras como o simples coração de uma criança."

- Ernest Hemingway

Agradecimento

Agradeço a Luisa por me permitir e principalmente por se permitir

Sumario

Prazer, me chamo Luisa.	3
Conto Palavras do Silencio.	5
Colofão	18

Prazer, me chamo Luisa.

“(…) Buscou sentar em uma mesa no canto do estabelecimento, para que assim pudesse fazer seu *watch people*. A escritora pegou seu macbook e respirou fundo; os dedos foram estalados, o pescoço levemente tombado e os olhos vagavam pelas letras do documento aberto.”

O trecho acima retirado do conto Palavras do Silencio, de Luisa Santo, permite perceber uma permissibilidade dela para com seus leitores, em compreender como o seu processo de escrita acontece. Nesse conto a escrita fala por ela, dizendo a aqueles que a leem nas palavras, como ela se envolve na criação de suas personagens e de suas narrativas, e como é doloroso e às vezes incrivelmente difícil o processo do adeus.

No início, a escrita surgiu para ela como um passatempo. A possibilidade de explorar algo desconhecido, mas deveras intrigante. A descoberta e a redescoberta tempos mais tarde de paixões diversas abrandaram o anseio pela escrita, e a escrita permaneceu, então, como algo latente dentro dela. A imaginação inquieta nunca se contentou com o que lhe era dito como fim, nunca foi completamente satisfeita com os pontos finais, gostava dos ‘e se’, e das vírgulas.

Eis que a escrita ressurgiu posteriormente no mundo chamado *fanfic*. Como seria a história daquele personagem que ela tanto amava se as coisas houvessem ocorrido de outra forma? E se aquele casal do

livro ou seriado não fosse realmente um casal para ela? Teria ela poder o suficiente para mudar as paixões daqueles seres fictícios? Todas essas e inúmeras outras perguntas só puderam ser por ela respondidas quando ela se arriscou. Arriscou publicar suas histórias em plataformas especializadas nesse universo, arriscou ao levar aos holofotes sua escrita, algo que até então pertencia somente a ela.

As palavras dela se espalharam por entre aqueles que assim como ela amavam as *fanfics*, e as histórias encantaram a muitos. No entanto, no meio do caminho, perdeu-se a leveza. A escrita já não era mais dela, já não era mais a possibilidade de se explorar algo desconhecido, era uma obrigação, e quase a sufocava. Quis desistir de tudo, apagar as histórias e silenciar a mente, mas não conseguiu, era na escrita que encontrava seu refúgio para as respostas que queria encontrar, não mais na ficção e sim em sua vida. A escrita se fez catarse. Ela deu voz a si mesma, se libertou, se fez outra.

Ana Canedo

Palavras do Silêncio

[Tonight I feel like Kafka – Jealous of the Birds ♪](#)

“Então, é aqui?” Annie disse assim que levantou o olhar e, com uma careta desconfiada, observou a faixa da cafeteria a sua frente.

As paredes eram em amarelo, portas de madeira em vermelho e preto; e letreiros pouco chamativos, confusos e simples, mas curioso.

“Não seja cruel, Annie.” Regina deu um riso curto. “Aparências enganam, não é o que sempre diz para aqueles que lhe perturbam?”

“Ah Regina, não dimane esse papo de não existir os pré-julgamentos.” Rolou os olhos enquanto guardava seu pequeno caderno dentro da bolsa. “Eu só acho engraçado, você me trazer para cá...” Regina tinha as sobrancelhas suspensas com um sorriso preso nos lábios aguardando o final de todas as considerações da loira. “... Praga! Quando eu me via conhecendo a República Checa? E, com tantos cafês renomados, você me escolhe esse?”

“O melhor café. Nome não é tudo, Dunnigan. É deprimente ouvir isso de uma escritora como você.” A loira começou a rir e foi entrando no estabelecimento. “Oh nunca julgue um livro pela capa ou... Como era mesmo?” Regina continuou.

“Bom dia!” A loira fingiu não prestar atenção nas provocações da morena.

“Bom dia!” Uma senhorita com um enorme sorriso se aproximou do balcão. “O que deseja?”

Regina estava de costas para a atendente, escorada no balcão enquanto fitava Dunnigan olhando o cardápio.

“O melhor café da sua vida e, hm...” Regina disse num tom baixo próximo ao ouvido de Annie e mordeu o lábio ao olhar um *cheesecake*. “E, com toda certeza, esse succulento *cheesecake*.”

“Está bem...” Annie soltou um riso e voltou a olhar a atendente que tinha uma expressão confusa. A escritora, então, endireitou o corpo e soltou um pouco a respiração com um sorriso sem graça. “Um expresso e...” Olhou para onde Regina apontava, segurando para não revirar os olhos. “E um *cheesecake*.”

“Levarei para a Senhorita, fique à vontade.”

“Obrigada.” Sorriu e virou-se deixando o olhar correr por todo o ambiente.

Apaixonada por detalhes, Annie Dunnigan se livrou dos preceitos para apreciar o ambiente. Lar, era o sentimento que transbordava ao adentrar o local; tudo era simples e delicado, lembrava as casas de avós, muita coisa em pouco espaço. Buscou sentar em uma mesa no canto do estabelecimento, para que assim pudesse fazer seu *watch people*.

A escritora pegou seu macbook e respirou fundo; os dedos foram estalados, o pescoço levemente tombado e os olhos vagavam pelas letras do documento aberto.

“Não é tão difícil...” Regina tirou a loira do devaneio. “Leu ‘A metamorfose’?” Annie sacolejou a cabeça em um talvez, sem muita animação.

“Por que sua obsessão para que eu leia Franz Kafka?” Ajeitou os óculos sobre o nariz.

“Não acha engraçado você escrever sobre uma Editora?”

“Não...”

“Certo.” Escorou-se na cadeira, cruzando os braços e dando um singelo sorriso.

“O homem se transforma em um inseto, Regina.”

“É um dos pontos fortes de Kafka, Santo. Ele sempre trabalhou com alucinações e arquétipos, os conflitos brutais físicos e psicológicos.”

“E do que isso tem a ver quando eu tenho que contar a história de uma Editora Chefe cheia de si?” O sorriso satírico surgiu nos lábios da escritora, fazendo a morena rolar os olhos. “Ah! Vamos Srta. Foster, sabemos do seu gênio forte.”

“Você não está muito atrás de mim.”

“Srta...” A atendente chegou com um doce sorriso, servindo a loira com o café e o *cheesecake*. “Qualquer coisa é só me chamar.”

“Obrigada!” Annie bebericou o café e sorriu ao sentir o gosto do mesmo. “Você estava certa.”

“É, eu estava.”

“Prepotente.” Provocou baixinho e arqueou as sobrancelhas com um sorriso no rosto, enquanto batia os dedos contra as teclas e olhava o cursor piscar na tela.

“Preste atenção Annie...”

“Eu não sei como Regina, eu juro que eu estou tentando. Eu pesquisei, eu tentei encontrar um rumo para o que está me contando, mas eu não consigo. E você não me ajuda, sempre com códigos, seja explícita.”

“A escrita é sua, não minha. E, bem, eu te trouxe até aqui.”

“Claro, porque é bem óbvia a ligação da sua história com a República Checa.” Bufou e pegou um pedaço de *cheesecake*. “Uau!”

Fechou o cenho olhando para o mesmo e depois para a editora. “Isso é fantástico.”

Regina apenas sorriu em convencimento, logo olhando para fora do estabelecimento.

“Ele.” Fitava um senhor em seus sessenta anos, sentado em uma mesa do estabelecimento do lado de fora.

“O que tem ele?”

“O que acontece na vida dele?”

“Hm...” Annie engoliu mais um pedaço e endireitou o corpo, se animando com as possibilidades que corriam sua mente. “Divorciado, descobriu o valor da família tarde demais.”

“Por que acha isso?”

“Solidão e melancolia.” Annie observava atentamente. “Ele mexe a colher no cappuccino que toma todo o tempo, olhando o líquido movimentar... É como se visse o arrependimento, e como a vida passou rápido e ele não percebeu. Perdeu o crescimento das filhas e, se duvidar, até o amor delas. Julgaria trabalho e arrogância.”

“Certo.” Regina voltou a olhar para Annie. “Gostei.”

Annie olhava ao redor, comia mais um pedaço do melhor *cheesecake* que experimentara na vida; pediu um *macchiato*, remexia-se no assento, batia os dedos contra a madeira da mesa e nada de uma frase sair de sua cabeça.

“Você está sem foco, Dunnigan. Vamos, escreva, eu sei que está criando coisas...”

“Não é o que eu preciso escrever.” Annie soltou uma longa respiração. “O que você tem?”

“Você vai descobrir logo.” Regina deu meio sorriso e Annie remexeu os lábios com insatisfação.

A escritora olhou bem para Regina e voltou a olhar sua tela; os dedos rapidamente digitavam todo o sentimentalismo que trasbordava naquele momento.

Devia ser a luz invadindo todo o ambiente que deixava Regina ainda mais vívida do que já era, ou ela simplesmente estava mais leve. Poucos eram aqueles que conheciam o lado encantador, simples e apaixonado da Editora. Era perturbadoramente linda. Os lábios carnudos e preenchidos por um batom vinho completavam a seriedade e imponência de um olhar firme e arrebatador.

Sua busca de inspirações sempre veio da simplicidade; gostava de se encantar com o comum, analisar situações e descrever com magia o que para todos já não existia. Uma editora, que mesmo lidando com diversas histórias todos os dias, não havia perdido o encanto com a criação.

Mas havia um porém. O olhar estava distante e misterioso, o corpo estava mais magro e o sorriso não aparecia com tanta frequência. Alguma angústia alfinetava a alma, mas ela não diria, era fechada demais para compartilhar com alguém as lamúrias de sua existência.

“Olhos, bocas, trejeitos e gestos...” Regina deu um sorriso encantado, mas acanhado. “Não precisa me descrever dessa maneira, acho que nem sou de tamanha intensidade que deposita nessa história.”

“Que mal há nisso?”

“Me responda Annie, você está vendando os olhos por que realmente perdera o foco ou por que não quer ver o que está diante de seus olhos?”

“E se eu não quiser?” Desviou o olhar.

“Não seja tola...” Regina a repreendeu.

“Talvez eu não queira escrever sobre isso, eu tinha outros planos para você.” A voz sofreu uma pequena alteração pela emoção.

“Vagos, distantes, sem toda a intensidade e verdade que sempre buscou. Estará mentindo.” Acusou-a.

“Eu não conseguiria.”

“Mas não há escolha.”

“Você é apenas uma criação de minha mente, portanto, não é real. Isso me dar aval para que eu decida o que quero escrever.”

“Obviamente. Mas, sabe... Eu te trouxe aqui por um motivo. Kafka.” Regina se colocou de pé. “Venha, vamos dar uma volta.” Annie levantou o olhar dolorosamente marejado para encarar a figura de Regina Foster.

As roupas tão imponentes que delineavam todas as curvas de seu corpo; os cabelos negros e sedosos que caíam em harmonia até o ombro; a cicatriz no lábio superior que completava toda a elegância da editora. O coração de Annie acelerava a cada percorrer do olhar, a cada trejeito que aquela personagem tinha e todo o efeito que sua existência causava em seu corpo. Ela sabia onde Regina queria chegar e daria tudo para não acompanhá-la.

*

Great American Novel – Max Jury ♪

“Um museu?” Annie era um depósito de frustrações e desânimo.

“Se arrependeu do café?” Deu um sorriso enigmático e Annie soltou uma risada.

“Certo. Você venceu.”

Elas andavam pelo museu do escritor Franz Kafka; um judeu autor de romances e contos, considerado um dos escritores mais influentes do século XX, nasceu em Praga – República Checa.

“‘A Metamorfose’ é um tanto quanto lunática.” Dizia Annie enquanto andava entre as pedras que expunham as obras do escritor.

“Perdão?” Um homem ao seu lado se virou para encarar a loira. Seus olhos eram azuis como o céu, brilhantes como a noite e os cabelos negros eram desajeitadamente peteados.

“Sim?” Annie o olhou e abriu um doce sorriso, recebendo outro encantador do homem. “Ah! Desculpe-me, estava apenas me lembrando de uma das histórias de Kafka.”

“‘A Metamorfose’, certo?” Ele voltou a olhar uma das obras expostas. “É incrível, não? A maneira como ele descreve tudo, como busca assuntos complexos com todos os arquétipos...”

“Eu ainda estou confusa.” Annie deu um curto riso. “Não sou tão familiarizada com ele.”

“O que te trouxe?”

Só então Annie percebera do devaneio curto, em que por instantes se esquecera do que a levava ali.

“Uma amiga indicou-me.” Sorriu docemente, mas desconfortável pelo delito. “Acho que ela esperava que eu encontrasse algum ponto

de esperança, algo que me fizesse acreditar que tudo ficaria bem, quando certamente não irá ficar.” Abaixou o olhar e respirou fundo.

“Bem...” O homem pousou a mão nas costas de Annie e a guiou até outra parte do museu que continha algumas citações do escritor. “Kafka dizia: ‘Há esperança, só não para nós.’”

“Irônico, não?”

“Um ponto forte dele.” O homem deu uma risada, liberando outra da escritora.

“Dunnigan, Annie Dunnigan.” Apresentou-se e estendeu sua mão que logo foi pega pelo homem.

“Tayler Carter.” — Deu um sorriso singelo.

“Talvez, seja essa relação de Kafka com minha amiga... Ironia e alucinação.” Respirou fundo, voltando o olhar para as frases.

“Escritora?”

“Ah sim!” Annie deu um sorriso acanhado e respirou fundo. “Escritora em um mundo de gigantes.” Teceu sua ironia.

“Acho que sua amiga não errou tanto ao te indicar ‘A Metamorfose’.” Tayler deu um curto riso e afagou o ombro da loira. “Foi um prazer conhecer você, Annie.”

“O prazer foi meu.” Quando o homem se afastou, Annie voltou a se preencher de frases que até então eram vagas. Os olhos se preencheram de lágrimas, as punhos estavam cerrados e o coração acelerava ao começar a entender tudo que acontecia. “‘Você não sabe a energia que reside no silêncio.’” Sussurrou uma frase do escritor.

“Você se vê um inseto perto da sociedade cheia de gigantismos e desmoralização Annie.”

“Aonde foi?” A loira engoliu o bolo em sua garganta ao fitar Regina.

“Eu não fui a lugar algum, apenas me ausento quando você deseja.”

“Eu não quero perder você.” Disse com a voz embargada, abaixando a cabeça. “Eu não posso perder você.”

“Você sabe que nossa relação só existe enquanto você se apega na sua criação. Quando ela acabar, eu irei junto.”

“Eu não vou escrever sua morte Regina. Eu não posso.”

“Será rápido, uma dor aguda, coisa de poucas horas e tudo estará finalizado. Não há problema nisso.”

“Vamos dar um jeito, certo? Podemos tentar outros métodos, podemos fazer um exame de prevenção.”

“Não se previne infartos fulminantes Annie, você saberá a hora certa.”

“Mas, por quê? Por que eu tenho que te perder? Por que eu tenho que escrever sobre isso?” Disse com algumas lágrimas já cortando sua pele.

“Não chore meu amor.” Regina levantou a mão e tocou o rosto de Annie; fazendo-a fechar os olhos para apreciar um toque que só existia em sua mente e nada mais. “Você sempre foi dona das intensidades e verdades, Dunnigan, ninguém escreveria tão bem quanto você.”

“Mas por que tem de doer tanto? Por que não pode ser apenas mais uma história? Uma personagem qualquer? Por que tem de ser você?”

“Porque sabemos bem que Regina Foster existe. Em sua cabeça, na de seus leitores...”

“Então, tudo é real?” Os olhos brilharam em um rastro de esperança.

“Depende de você.” Regina deu um doce sorriso.

“Então...” Regina deu sequência aos passos para fora do museu. “Regina, espera!” Trombou em algumas pessoas e seguiu a morena de passos rápidos e um belo sorriso no rosto.

Death Of The Autor – Jenny Hval ♪

Regina ora dava pequenas corridas, ora apenas caminhava em aprazo do tempo frio e clima confortável de Praga. Girava envolto ao próprio corpo, sorria com graciosidade para Annie e, quanto mais andava, mais distante ficava da realidade de Dunnigan.

“Não...” Annie soltou em atormenta, agilizando os passos para alcançar à editora. “Não! Regina espere!”

““O sentido da vida é que ela termina.”” (Kafka) Gritou Regina.

O desespero de Annie correndo contra a margem do rio Elba era mostrado pela respiração descompassada, os olhos vidrados na imagem que desvaía de sua melhor criação: Regina.

“Por favor, eu não posso ficar sem você.” Suplicou olhando a dança leve e desimpedida da editora.

““A partir de um certo ponto, não há retorno. Este é o ponto que é preciso alcançar.”” (Kakfa) Citou Regina, parando os passos e sentindo a cabeça tontear. O olhar foi para cima, o corpo girava em torno de si mesmo.

“Eu não vou matar você.” Disse Annie assim que alcançou a morena.

“Se estou condenado, não estou somente condenado à morte, mas também a defender-me até a morte.” (Kakfa) Sorriu verdadeiramente para a escritora. “Defenda-me Annie Dunnigan, escreva-me.”

“Eu preciso de você para minha felicidade existir. Não vê?”

“Só podia encontrar a felicidade se conseguisse subverter o mundo para o fazer entrar no verdadeiro, no puro, no imutável.” (Kakfa) Disse a morena ainda com o sorriso estampado, mas os olhos caindo em contradição pelas lágrimas que o tomavam. “Eu sou real em sua cabeça Annie, nada mais do que isso. Estarei viva caso conte minha real história. Não é preciso temor, apenas mortes vazias enfurecem aqueles a acompanham.”

“Eu me apaixonei Regina, eu me apaixonei por você.” Disse com os olhos em completo marejo; visão turva e embaçada; voz embargada e alta. “E maldição!” Annie respirou fundo, observando o sorriso morrer em Regina e, de forma inacreditável, o hálito fresco e o perfume adocicado lhe penetrar as narinas. “Acreditando apaixonadamente em alguma coisa que não existe, nós a criamos.’, Kafka.”

Annie abriu os olhos e podia sentir a respiração descompassada da morena à sua frente, seus rostos se aproximavam lentamente; os corpos arfavam as respirações se emaranhavam.

“Feche os olhos, Dun.” Assim foi feito.

Regina aproximou-se o suficiente para selar os lábios. O beijo quente, macio e entorpecente fez Annie soltar um gemido aflito quando a temperatura foi esfriando. Abriu os olhos em completo desespero e a imagem de Regina já não era tão lúcida.

“Por favor, temos tempo, não precisa ir agora.” Os olhos suplicavam presença e paixão.

“O teu luto sempre começará antes Annie. É o preço por escrever com todo o teu amor...”

Assim que a imagem de Regina se foi e apenas o rio Elba e a Rua de Praga lhe eram captadas pela visão, Annie soltou o soluço do pranto.

*

O balanço embalava seu corpo, enquanto a mente buscava motivos para a escrita, deixando Annie submersa à paisagem da sacada de seu apartamento. A cadeira ia e vinha como os ventos mandavam, os cabelos loiros se embaralhavam ao rosto e a respiração era solta pesadamente. O caderno em mãos nada continha além de páginas brancas e o vazio de um coração em luto. Annie sentia como se nunca mais pudesse ser tão profunda e verdadeira em palavras como fora uma vez.

Saudades do que foi e futilidade de quem se tornou.

Branco. Preto. Três pretos entre brancos. Dois pretos entre brancos. Mozart. Beethoven. Bach.

“Há sempre um ponto de partida.”

A voz rouca e firme preencheria docemente seus ouvidos e, assim, as imagens em preto e branco tomaram cor gradualmente. Os olhos verdes se encontraram com os olhos amêndoas e os sorrisos nasceram como velhos conhecidos.

“Editora?” Annie deu um riso ao correr os olhos pela imagem diferente e incomum.

Regina tinha a mesma intensidade no olhar, mas era doce como só ela. A franja caía pelos olhos, um pouco abaixo das sobrancelhas, o corpo era envolto por roupas leves, tão infrequentes por sua antiga e prepotente personagem.

“Pianista.” Respondeu com um enorme sorriso e seu ar jovial.

Annie respondeu com um sorriso na mesma grandeza e abriu o caderno, ajeitando a caneta em mãos, para assim escrever no topo da página: Sonata¹.

“Eu senti sua falta.” Annie proferiu com os olhos cintilantes e um doce sorriso nos lábios, enquanto as palavras começavam a sair do seu silêncio.

“Ah, Annie...” Regina a chamou e Dunnigan suspendeu os olhos curiosos e em expectativa. “Bicicletas.” Segredou.

¹ Sonata, feito pétalas ao chão. Livro por Ella Santo, personagem principal: Regina Foster, pianista

Inverno de 2017

Belo Horizonte

Texto Luisa Santo

Edição Ana Luisa Canedo

Trabalho final da disciplina de Paratextos Editoriais

